




COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2023
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2023v24i1:e60871>

O espectro do neofascismo

The specter of neo-fascism

Antonio Valverde*
ajrvalverde@uol.com.br

Recebido em: 13/02/2023.

Aprovado em: 05/03/2023.

Publicado em: 20/03/2023.

Resumo: Ao tempo presente, o fenômeno político do fascismo se mostra requeitado pela forma neofascismo. Se o fascismo pôde ser entendido como “revolta” ou “revolução dentro da ordem”, que contornos lhes são aditados pelo neofascismo, — a face mais expressiva da barbárie contemporânea? Acaso, ao enquadre crítico do estágio atual do modo de produção capitalista, há similitude e complementaridade entre o neofascismo e o neoliberalismo, — “a nova razão do mundo”?

Palavras-chave: Espectro. Fascismo. Neofascismo. Neoliberalismo. Ordem. Revolta. Revolução.

Abstract: *At the present time the political phenomenon of fascism has been revamped into the form of neo-fascism. If fascism could be understood as “revolt” or “rebellion within order”, what contours are added to them by neo-fascism, — the most expressive aspect of contemporary barbarism? In the critical framework of the current stage of the capitalist mode of production, are there similarities and complementarities between neo-fascism and neoliberalism — “the new reason of the world”?*

Keywords: *Fascism. Neo-fascism. Neoliberalism. Order revolt. Revolution. Spectrum.*



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

“Quando o fascismo se tornava cada vez mais forte na Alemanha
E mesmo trabalhadores o apoiavam em massa
Dissemos a nós mesmos: Nossa luta não foi correta.
[...] Camaradas, reconheçam agora que esse ‘mal menor’
Que ano após ano foi usado para afastá-los de qualquer luta
Logo significará ter que aceitar os nazistas.”

(Bertold BRECHT, “Quando o fascismo se tornava cada vez mais forte”, 1913-1956, p. 95).

“Quanto ao futuro, escute:
seus filhos fascistas
velejarão
rumo aos mundos da Nova Pré-História.
E eu estarei lá,
como aquele que sonha sua desgraça¹sobre as orlas do mar
em que a vida recomeça.”

(Pier Paolo PASOLINI, “Uma vitalidade desesperada”, 2015, p. 177).

* PUC-SP.

1 Pasolini cita o verso de Dante Alighieri: “qual è colui che suo dannaggio sogna”, *Commedia*, “Inferno”, XXX, v. 136.

1 Filologia

Espectro: *imago*, tradução latina de *eidôlon*, termo homérico, registrado na *Iliada*, Canto XXIII, 104, designando o espectro insubstancial, aquilo em que se transforma o homem ao chegar no Hades, — sombra. No Antigo Testamento, figura como *ídolo*, tipificado pelo bezerro de ouro, fonte de idolatria, que é a adoração de um simulacro, para o caso, o do falso deus.

2 Ronda

Um espectro ronda a civilização: *o espectro do neofascismo*. Ao tempo presente, o fenômeno político do fascismo se mostra requentado na forma neofascismo. Se o fascismo, segundo alguns historiadores (TRAVERSO, 2021, p. 135-176), pôde ser entendido como revolta ou revolução dentro da ordem, que contornos lhes foram aditados pelo neofascismo, a face mais singular e expressiva do substrato autoritário da barbárie contemporânea, posto encontrar-se entranhada nas ruínas da civilização e em confronto frontal com a democracia? De par com o neoliberalismo, “a nova razão do mundo”, a visão de mundo compósita ao capitalismo financeiro, findando por submeter a política às finanças. Em particular, para o quadro europeu contemporâneo, mas, extensivo aos continentes americano e asiático.²

Porém, ao tempo presente, ocorre que o espectro, *imago*, do neofascismo apresenta-se como manifestação de “profundidades” absconditas, a expor os resíduos traumáticos guardados, conscientemente, no inconsciente dos povos, uma forma de atordoamento. Vez que, segundo Ernst Bloch, o fascismo em geral, e o nazismo em particular, não cessariam mesmo com o fim da Segunda Guerra Mundial, pois, teriam deitado raízes no imaginário coletivo, seu aspecto sádico-masoquista intransferível. Sairiam de cena, temporariamente. (BLOCH, 2019, p. 37-39). Porque teriam sido derrotados, porém, não vencidos. As raízes ficariam, e reapareceriam. Como tragédia ou farsa? Em qual drama apostar?

3 Fio condutor

Entanto, confio a Octávio Paz o fio condutor da trama e da urdidura deste ensaio. Ei-lo, o fio vermelho: “*Las ideas se disipan, / quedan los espectros: / verdad de lo vivido y padecido* (PAZ, 1969-1975, p. 516).

Para o enquadre especulativo da matriz doutrinária, Bernardo procedeu a uma varredura completa do problema, em *Labirintos do Fascismo*, analisando, historicamente, com remissões a pensadores e políticos, que cunharam a concepção (de fascismo) como sendo “revolta” ou “revolução dentro da ordem”. O que dá a ver pela definição: “revolta no interior da coesão, [...] (todavia) com atenção para sua ambivalência, ao mesmo tempo radical e conservadora.” Aparentemente, embaralhando os termos “revolta” e “revolução”, o Autor circunscreve ambos para sustentar que o “fascismo foi uma revolta na ordem.” Asseverada pelo falangista espanhol, ideólogo do franquismo, José Antonio Primo de Rivera: “A revolução, quando é bem feita [...] tem como característica formal ‘a ordem’”. Lembrando que Hitler

2 *Europa em pauta*. “Para o bem ou para o mal, Helmut Kohl e François Mitterrand foram os últimos a agir como estadistas. [...] A geração que os sucedeu na passagem para o século XXI não tem nem visão – gabam-se de sua falta de ideias como uma virtude pós-ideológica do pragmatismo – nem coragem, dados que suas escolhas dependem de pesquisas de opinião. [...] Atualmente, o neoliberalismo incorporou os herdeiros da social-democracia e das correntes conservadoras cristãs. [...] Como muitos analistas observam, a trioka (FMI, BCE e CE) é um estado de exceção. [...] Na situação atual, esse estado de exceção não é transitório, mas é seu próprio modo de funcionar – a exceção tornou-se regra – e significa a completa submissão do político ao financeiro. Em suma, é um estado de exceção que determina um tipo de ditadura financeira, um Leviatã neoliberal. [...] Em síntese, é o ‘ordoliberalismo’ [...]: não é o capitalismo submetido às regras políticas, mas um capitalismo financeiro que dita suas próprias regras. (Que) finalmente encontrou uma solução ao substituir o corpo político – democracia – por uma técnica de governo. Em outras palavras, governo foi substituído por governança, o resultado de uma financeirização da política que transformou o Estado em uma ferramenta que incorpora e dissemina a razão neoliberal (TRAVERSO, 2021, p. 20-23).” A propósito, conferir o capítulo “A grande virada”, especialmente, os itens “O crescimento do capitalismo financeiro”; “Ideologia (1): o ‘capitalismo livre’”; “Ideologia (2): o ‘Estado de bem-estar social’ e desmoralização dos indivíduos (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 199-205, 205-209, 209-215). Complementarmente, ver também “As origens ordoliberais da construção da Europa” (Idem, *ibidem*, p. 245-269).

se apresentava como “o revolucionário mais conservador do mundo”.³ Ao passo que Enrico Corradini, outro ideólogo, saudou “o fascismo italiano como ‘uma revolução que se efetua no interior da ordem estabelecida’”. Ao que Salazar, ao tempo em que era ministro das Finanças, de Portugal, advertira: “é necessário fazer neste país uma grande revolução *na ordem* para evitar a que outros fatalmente fariam *em desordem*” (BERNARDO, I, 2022, pp. 17-18).⁴

Assim, para os ideólogos e militantes políticos do fascismo, “a ordem é o Estado.” Fórmula a ser compreendida para além de “um conjunto de instituições funcionando ao serviço dos poderosos, (pois) o Estado é um princípio de organização geral das instituições (BERNARDO, I, 2022, p. 22).” Por isso, a revolução ou a revolta⁵ deveriam ocorrer dentro da ordem. Dado o substrato da ideologia fascista materializar, de modo aparentemente contraditório, o máximo interesse pelo controle da expropriação da mais-valia e da correspondente alienação dos trabalhadores, e, ao mesmo tempo, posicionar-se contra o capitalismo, contudo, sob a guarda da burguesia. Assim, o programa fascista fora a expressão de uma situação econômica desfavorável, adiada, em suspensão. Moviada, em conjunto, pelo emperramento da luta de classes e a taxa decrescente da apropriação de mais-valia. De par, com o capitalismo tardio das nações que chegaram atrasadas, ao apagar das luzes, logo, destinadas a lugar menos relevante na ordem capitalista. Para o caso, matricialmente, Itália e Alemanha tipificaram o crescimento econômico desbussolado e a consequente distribuição de bens de modo insuficiente, num primeiro plano. Secundadas por Espanha e Portugal. A Espanha marcada pela catolicidade. E Portugal sob o tradicionalismo da herança imperial. Países em que o campesinato compunha a maioria das populações. Campo fértil de oportunidades para discursos e práticas de líderes políticos autoritários, em ascensão. Cada qual com seu relevo ideológico próprio. Enquanto todos representavam, de forma incisiva, aparentemente, o mal-estar social em relação a ordem capitalista, em curso. Logo, marcado pela acontemporaneidade, sem compreensão real da História, do que se passava na verdadeira ordem, a ordem instaurada pelo capital, em crise. Assim, discursos e práticas de caráter autoritário e conservador se alinharam aos conteúdos temporais burgueses tardios, em ambos os países.

4 Primeira Guerra Mundial e fascismo

Advento do nazismo. No ensaio “A ascensão do nazismo sob uma esquerda desorganizada e uma burguesia unida”, frente ao fracasso da revolução socialista de 1919, Trotsky registrou: “A derrota de 1918 ergueu um muro no desenvolvimento do imperialismo alemão. (A) Dinâmica externa transformou-se dinâmica interna. A guerra virou revolução. A social-democracia, que assistiu aos Hohenzollern trazerem a guerra a sua conclusão trágica, não permitiu ao proletariado trazer a revolução a sua própria conclusão. [...] O Partido Comunista convocou os trabalhadores a uma nova revolução, mas provou-se incapaz de dirigi-la. O proletariado alemão passou pelo auge e colapso da guerra, revolução, parlamentarismo e pseudo-bolchevismo. Quando os velhos partidos da burguesia haviam se esgotado, a força dinâmica da classe trabalhadora provou-se deficiente.”⁶ Assim, por quatorze anos a social-democracia tentou amarrar “desculpas intermináveis para existir servindo à democracia de Weimar (TROTSKY, 2018, p. 285).” Porque, em verdade, o nazismo operara uma contrarrevolução.

3 Enquanto Ernst von Salomon “depositava as esperanças numa renovação da ideia de Estado, que seria revolucionária nos métodos, mas conservadora na sua natureza.” (BERNARDO, I, 2022, 18).

4 Acaso, Salazar seria leitor de Giuseppe Tomasi di Lampedusa? - Em paralelo à premissa salazarista, “Benoist-Méchin resumiu o principal objectivo dos fascistas conservadores de Vichy dizendo que ‘em vez de esperar que o povo impusesse a sua revolução ao governo, era necessário que o governo se antecipsse e impusesse a sua revolução ao povo’ (BERNARDO, I, 2022, p. 19).”

5 Porém, “Os nazistas chamam sua revirada pelo título usurpado de revolução. Na verdade, na Alemanha assim como na Itália, os fascistas deixaram o sistema social intocado. Por si só, a revirada de Hitler não tem nem mesmo o direito de se chamar de contrarrevolução. Mas ela não poder ser vista como um evento isolado; é a conclusão de um ciclo de choques que se iniciou na Alemanha em 1918 (TROTSKY, 2018, p. 289).”

6 A propósito, ver “O fracasso da vanguarda proletária e o peso da pequena burguesia” (TROTSKY, 2018, p. 21-51).

A Alemanha perdera a Primeira Guerra Mundial, confinando-se, economicamente, endividada para a França e, do ponto da moral nacional, se encontrava humilhada pelos acordos políticos desfavoráveis de Versalhes. A par da “embriaguez” instaurada aos tempos da República de Weimar, marcada pela forte liberalidade dos costumes (BLOCH, 2019). Fatores a promoverem a desatenção da classe operária para a ação política de líderes sindicais e partidários, que não souberam ler os sinais do tempo com a agudeza urgente do presente. Juntamente com um sistema de distração cotidiana, a infantilizar as massas.

Todavia, em meio ao cenário catastrófico fulgura a líder do movimento spartakista, Rosa Luxemburg, mártir da Revolução Socialista de 1919. Por certo a consciência-limite da Alemanha dos anos 1910. — Tema para outra circunstância.

Contudo, Bloch analisara à exaustão, em tempo real, o descompasso entre o avanço do nacional-socialismo, o desinteresse da alta burguesia e a alienação dos trabalhadores, cujo substrato era a fome e a miséria (BLOCH, 2019). Adite-se à condição social precária a brutalidade, a mediocridade, a vulgaridade, a violência, a irracionalidade, em movimento outonal de dissipar costumes de resistência política, antes consolidados. Ao que Stanley adita os seguintes fatores: suposto passado mítico, derivado do mito pangermânico, como identidade nacional e objetivo educativo; propaganda contra determinados grupos sociais; anti-intelectualismo e degradação da linguagem; irrealidade voltada às teorias conspiratórias; hierarquia de poder; racismo “científico”; vitimismo e opressão com fins políticos; ansiedade sexual; criminalização de parcela da sociedade; trabalho forçado nos campos de concentração (STANLEY, 2020). Além de antissemitismo, biologia racista.

Tudo que parecia sólido desmanchava no ar. Relembrando que uma afirmação corrente na ambiência alemã, ao tempo de fixação da ideologia do pangermanismo hitleriano, — expressão em desuso —, estipulava que o “nacional-socialismo não é mais do que biologia aplicada.” Calcada no princípio eugenista, remontada ao biólogo Ernst Haeckel, que afirmara: “a política é biologia aplicada” (BERNARDO, 2007, p. 1).⁷ Um passo para o estigma aos judeus alemães, poloneses, enfim a todos que não pareciam ser alemães, declaradamente, puros.

Em 1936, Daniel Guerin, intelectual sob o horizonte do socialismo libertário, foi o primeiro a estudar os nexos entre fascismo e grande capital. Porém, ressalvado o diapasão diferente do que se passou nas nações, em que o modo de produção capitalista se organizara de forma hegemônica, colocadas à frente daquelas moldadas pelo capitalismo tardio. A análise de Guerin é exemplar por, dentre outros aspectos, mostrar a mística do fascismo, — “o fascismo é uma concepção religiosa”, (segundo Mussolini), dado o seu caráter estoico. Mas, como o ascetismo não bastaria, era necessário o culto ao “homem providencial”, um mortal como tantos, divinizado gradualmente pelo efeito primário vaporizado da adulação. Identificado e idolatrado como um mito, *um messias*. O que favorecia a adesão incontestada das massas ao ideário falacioso.⁸ Guerin trata de políticas econômicas, do fato de o fascismo se mover

7 “Em 1934 o director de Ciências da Natureza da Rockefeller Foundation, Warren Weaver, perguntou ‘se será possível desenvolver uma genética tão extensiva e bem fundamentada que se possa esperar a criação, no futuro, de homens superiores?’. Era precisamente a esta questão que Hitler iria responder. Um artigo publicado no *Eugenical News* em 1943, quando já ninguém ignorava o teor da resposta, invocou as pesquisas de Charles Davenport, o patriarca da eugenia norte-americana, para anunciar uma nova humanidade constituída por castas biológicas, com raças de senhores e raças de servidores. Observou um especialista que se definirmos o nacional-socialismo como a aplicação à política de critérios procedentes da biologia, então as leis eugenistas promulgadas pelos governos democráticos não foram menos hitlerianas. [...] Ora, a afirmação de que ‘o nacional-socialismo não é mais do que biologia aplicada’ era corrente entre os nacionais-socialistas e esta definição da política correspondia exactamente aos anseios do eugenismo. ‘A história da nossa ciência está intimamente ligada à história alemã mais recente’, escreveu durante o Terceiro Reich Otmar von Verschuer, um dos principais representantes do movimento eugenista, que em 1935 passara a chefiar o Instituto de Biologia Hereditária e Higiene Racial da Universidade de Frankfurt e que assumiu em 1942 o comando científico da política racial. ‘O chefe do império étnico alemão é o primeiro homem de Estado a recorrer aos dados da biologia hereditária e da eugenia enquanto princípio orientador da direcção do Estado’” (BERNARDO, 2022, IV, p. 59-60).

8 A insurgência das massas adentrara a cena político-cultural dos anos 1910, na Europa. A questão não escapou as análises de Freud e de Wilhelm Reich. Assim, apoiado nas pesquisas de Le Bon, a obra *La psychologie des foules*, de 1912, desde a “descrição da alma das massas”, Freud escreveu *Psicologia de massas e análise do Eu*, de 1921. O substrato fora a identificação de dois tipos de massa, a da Igreja como modelo constitutivo, e a do exército, definida por massa artificial. Na obra, Freud registrara: “A massa é impulsiva, mutável e excitável. Ela é guiada quase que exclusivamente pelo inconsciente. [...] Nada nela é premeditado. [...] Ela não tolera nenhum adiamento entre o seu desejo (*Beghrehn*) e a fruição do que foi desejado. Ela tem o sentimento de onipotência; para o indivíduo na massa desaparece o conceito de impossível. A massa é extraordinariamente influenciável e crédula; é acrítica, o improvável não existe para ela. [...] (Contudo) Como a massa não tem dúvida sobre

contra a classe trabalhadora, a caminho de consolidar a verdadeira doutrina fascista. (GUERIN, 1973, p. 95-116; 255-297; 299-367).

Contudo, Marcuse, durante o outono de 1941, escrevera:

Hoje não é mais necessário refutar a opinião de que o nacional-socialismo significa uma *revolução*. Se por revolução entendermos uma mudança na própria estrutura da sociedade, isto é, a transferência do poder dominante para um novo grupo social, a introdução e a distribuição de riquezas etc., então o nacional-socialismo não é nada disso. (MARCUSE apud KELLNER, 1999, p. 30).

Segundo Kellner, para Marcuse, filósofo de instinto antifascista, a concepção do fascismo alemão parecia-lhe contraditória, pois,

Argumentaria consistentemente que ele era caracterizado por tensões entre a ausência da lei e a desordem, em contraste à extrema racionalização e ordem, vendo-o assim como um Estado gângster anárquico que sistematicamente violava não apenas a lei interna, mas também a internacional, *além* de um sistema altamente racionalizado de organização e dominação sociais. (MARCUSE apud KELLNER, 1999, p. 32).

Para o caso dos Estados Unidos da América, Marcuse registrara o autoritarismo embutido no Estado do Bem-Estar Social, que, para se manter como tal, transfigurara-se em Estado Beligerante (MARCUSE, 1964, p. 25-26). E tem se mantido como tal, entrado o século XXI. – Exemplos não faltam.

Todavia, em meio ao cenário catastrófico, fulgurou a líder do movimento spartakista, *Rosa Luxemburg*, mártir da Revolução Socialista de 1919. Por certo a consciência-limite da Alemanha dos anos 1910 – Tema para outra circunstância.

Literatura e cinema. Se o romance *Fontamara*, de Ignazio Silone, de 1933, traduz com gravidade a vida social da Itália fascista, similarmente, o romance *O Tambor*, do polonês-alemão Günter Grass, de 1959, cumpre, no detalhe, o mesmo intento. Ambos vertidos para filmes homônimos, excelentes.⁹ Complementados em intensidade crítica por *Mephisto*, direção de István Szabó (1981), e *Vincere*, de Marco Bellochio (2009).¹⁰

o que é verdadeiro ou falso, e ao mesmo tempo tem consciência de sua grande força, ela é tanto intolerante quanto crente na autoridade. Ela respeita a força e só se deixa influenciar moderadamente pela bondade, que, para ela, significa uma espécie de fraqueza. O que ela exige de seus heróis é a força, até mesmo a violência. Ela quer ser dominada e reprimida e temer seu mestre. No fundo inteiramente conservadora, ela tem uma profunda aversão por todas as inovações e progressos e um respeito ilimitado pela tradição. [...] Além disso, a massa está submetida ao poder mágico das palavras, que podem provocar na alma da massa as mais terríveis tormentas e também podem apaziguá-la (FREUD, 2021, pp. 146; 148).” Se em 1929 Erich Fromm, de modo ainda incipiente, atrelara marxismo e psicanálise, na conferência “Die Anwendung der Psychoanalyse auf Sociologie und Religionswissenschaften” (La aplicação da psicanálise a sociologia e as ciências da religião), Reich criou a teoria freudo-marxismo, mostrada em *Psicologia de massas do fascismo*, para conciliar as teses do jovem Freud com a práxis revolucionária marxista. Antes, estudara o mal-estar do pós-romantismo alemão, identificado na peça *Peer Gynt*, de Ibsen. Movimento decadente, um dos fatores ideológicos basilares do fascismo alemão. Acerca do livro assentou: “Este escrito foi elaborado no decorrer da vaga reacionária ascendente que assolou a Alemanha nos anos 1930-1933. Destina-se a dar um mínimo de base teórica ao jovem movimento sexual-político, ainda pouco desenvolvido (REICH, 1974, 8).” A propósito, conferir os capítulos “A ideologia como poder material”; “A ideologia da família na psicologia de massa e 99-108). Complementarmente, ver “El inconsciente fascista” e “Fascismo contra psicoanálisis”. (FINCHCELSTEIN, 2021, pp. 68-74 e 75-83, respectivamente).

9 Filmes roteirizados a partir dos romances em pauta: *O tambor*, direção de Volker Schlöndorff (1979), “Fontamara”, direção Carlo Lizzini (1980); SZABÓ, I., *Mephisto*, inspirado em obra homônima de Klaus Mann, esteticamente inspirado em concepção lukacsiana, mostra a ascensão de um ator provinciano, moldado pela atuação brechtiana, até “vender” a alma ao Diabo nazista.

10 BELLOCHI, M., *Vincere*, filme de 2009, reconstitui o relacionamento amoroso de Mussolini e Ida Dalsen, primeira mulher, mãe do filho Benito Albino. Ambos condenados a viverem escondidos, após, perversamente, serem perseguidos pelo fascista celerado. O filme mostra imagens de arquivos históricos, e move-se pela paixão, loucura e política. Para o caso francês, ver *Lacombe Lucien*, dirigido por Louis Malle (1974) e c) a película italiana, *Salò ou 120 dias de Sodoma*, de Pier Paolo Pasolini (1976). Do registro histórico: “A violência de Salò foi separada da história do fascismo e inscrita na guerra civil de 1943-1945, agora sendo explicada como uma reação à violência antifascista (alternativamente caracterizada como totalitária, comunista ou antipatriótica)” (TRAVERSO, 2021, p. 175).

5 Neofascismo & neoliberalismo

Tempo presente. Se há quem considere o fenômeno histórico-político contemporâneo como pós-fascismo (TRAVERSO, 2021, p. 13-59), há quem identifique o neofascismo em curso no Brasil desde o bolsonarismo. (CHIOSSI, 2021, p. 112 ss.).¹¹ A par do reconhecimento de que as matrizes do pensamento político de extrema direita, contemporaneamente, encontram-se na Hungria (“Fidesz”), Polônia (“Lei e Justiça”), Espanha (“Vox”), secundados em Portugal (“Chega”), Itália (“Fratelli d’ Itália”), Estados Unidos da América (*think tanks* do “Partido Republicano”)¹², Alemanha (“AfD”), França (Marine Le Pen e Marion Marechal Le Pen), além de Suécia, Rússia, Turquia, Ucrânia, ideologicamente alinhados, de modo explícito. E, a caminho, no Canadá, com ênfase na Argentina (“PRO”), Chile, Paraguai, Peru (“Fuerza Popular” e “Avanza País”), Colômbia (“Centro Democrático”), e México (“PAN”), em estado gestacional. Cada um à sua forma, como mostrado por figuras públicas autoritárias, perversas, promotoras de destruição dos direitos civis, perseguições pessoais, modeladoras da ausência de compromissos sociais, contrários aos direitos trabalhistas, racistas, xenófobos, retrógrados. (GOLDSTEIN, 2022, p. 25-111 e 311-334). Sustentados por ordenações populistas de massa, alinhados pelas ideologias e práticas de extrema direita. Porém, a motivação mais geral é o anticomunismo propalado desde as antigas repúblicas da URSS, sobretudo, a partir da Hungria e da Polônia, com ecos e raízes em outros países.¹³ Entanto, a provável causa deriva do freio puxado da expropriação da mais-valia, da alienação dos trabalhadores esquecidos da luta de classes, submergidos no universo do consumo, que nada consoma, de produtos, que visam atender a falsas necessidades. Formatando subjetividades descompromissadas com valores sociais da coletividade humana. No mais das vezes, combinadas a expressões de religiosidade neopentecostal, marcadas por adesões aos padrões do mercado e da tecnologia.

Em verdade, a extrema direita se reorganiza “desde Europa hacia América” como uma “familia global” (GOLDSTEIN, 2022, p. 25-88). Em Europa, particularmente, em Espanha, o partido Vox, de extrema direita projeta uma volta ao passado de glórias do Império, firmada pela “reivindicación de la *hispanidad* y la *reconquista* de América [...] la idea que uniría la tradición católica y el idioma Castellano con las antiguas colonias” (GOLDSTEIN, 2022, p. 19). Em busca de reintegrar, ideologicamente, aquela, que outrora, fora a América Espanhola às hostes da suposta catolicidade imperial, manifestamente contra o aborto, o debate acerca de gênero, a diversidade cultural, a globalização e, sobretudo, o anticomunismo. Porém, em defesa da propriedade privada, sob o escudo do neoliberalismo. A premissa ideológica mais pontiaguda da extrema direita mostra-se sinalizada pelo brocardo “comunismo jamás!”, de um lado, a operar como a força centrípeta de sua expansão, de outro, qual um código, nada secreto, de alinhamento internacional (da extrema direita), praticamente, automático (GOLDSTEIN, p. 43-59 e 312).

Ocorre que tal movimentação política reacionária se passa de par com o cenário de aceleração da degradação da natureza, em nome do mercado, pois, o termo progresso não se dá ao caso, encontrando-se em estado combalido para sustentar o alinhamento das demandas sociais, projetadas pelas agências de publicidade, de opinião pública, de redes da *internet*, de aplicativos, pela possibilidade de imitar e realizar, ao nível pessoal, desejos alheios. Por hipótese, em princípio, sob a capa da estatística, incontestado ao registro de algoritmos e de sua utilização ao reforço do controle social. Em síntese, a arrochar as formas de controle social, mancomunadas entre mercado e ideologia materializada, findando por manipular e inviabilizarem a autonomia política dos trabalhadores.

Ao arremate dos males, o neoliberalismo, “a nova razão do mundo”, se compõe com o neofascismo, por um encaixe às margens da perfeição. A um tempo em que a racionalização do trabalho migrou do fordismo para o modelo do toyotismo, que é o controle de toda linha produtiva, de distribuição, de

11 Contudo, o caso brasileiro, encontra-se em movimento de contenção do neofascismo, principiado com a derrota democrática do ex-presidente Bolsonaro, político de extrema direita, dia 02 de outubro de 2022.

12 Sob versão trumpista.

13 Para compreensão extensiva do problema do anticomunismo e da Liga Mundial Anticomunista, conferir Machado (2022).

consumo e de consulta ao consumidor. O neoliberalismo se firma qual uma nova religião ampliada, fundada pela fé no empreendedorismo, absolutamente ilusório, provisório, frente ao desemprego massivo e ao decréscimo dos salários, sobremaneira à degradação da vida, em geral. Porquanto, conjugados também à teologia da prosperidade, que expressa e sintetiza a vivência pessoal em cenários mercantis, através da *mídia* televisiva, firmados por testemunhos pessoais de um *progresso* material, e de conciliação familiar, proferidos *ad nauseam*. Dardot e Laval identificam tais indivíduos empreendedores por “homem empresarial”, a ultrapassar a concepção de “capital humano”, forjada nos anos 1970, pela Escola de Chicago, que dispôs de alguns epígonos, no Brasil, a presidirem bancos públicos e privados. Ao caso do “homem empresarial”, a escala de ascensão social é inferior àquela dos da Escola de Chicago.

Mas, o que tem sido a nova racionalidade, a neoliberal, que é mais que uma ideologia, uma *visão de mundo*? Ao requestrar o liberalismo, diga-se, clássico, o neoliberalismo propôs o modelo de governo empresarial, frente ao esgotamento da matriz inventada durante o século XVIII, ao se emparelhar com o florescimento do modo de produção capitalista. A nova visão de mundo surge acompanhada do esgotamento da democracia liberal. Se o Chile figurou de cobaia ao experimentalismo neoliberal de Milton Friedman, foi seguido da ação política de Margareth Thatcher, primeira-ministra do Reino Unido, ao aprovar o princípio de que o mercado organiza a sociedade. Antes, que ao olhar para sociedade, via somente o indivíduo, replicando a noção benthamiana. Portanto, céu azul de brigadeiro às pretensões, aparentemente, ilimitadas da face mais cruel do capital, - se é possível haver outra, não alienante e nem alienada.

Ao quadro dramático, que se adite

A noção e a prática de guerra contemporânea, nomeada de *Lawfare*. A guerra levada entre potências capitalistas e economias subalternas, na forma de disputa jurídico-política, difundida pelos meios de comunicação de massa. Tendo como arma o Direito internacional, pois que as normas jurídico-políticas tendem a substituir o armamento bélico, com a finalidade precípua de efetivar com sucesso as batalhas entre capitais, sob a guarda do Estado. Sem o ônus incivilizado da guerra tradicional: invasão territorial, mortandade, violência descontrolada. (VALVERDE, 2022, p. 1).

Dramático, pois há um grau elevado de consciência e de percepção do que se passará no cenário geopolítico. No Brasil, a raiz ideológica do neofascismo, por certo, segue sendo a do integralismo, o fascismo brasileiro, arquitetado por Plínio Salgado, secundado por Gustavo Barroso e Miguel Reale (pai), instilado do lema “Deus, Pátria, Família”. Corrente considerada, metaforicamente, uma “ideologia curupira”, tal qual a entidade das selvas, que caminha com os pés virados para trás. (VASCONCELLOS, 1979).¹⁴ Contudo Chasin o compreendia como fenômeno demarcado pela “forma de regressividade no capitalismo híper tardio”, às margens um tipo de capitalismo *romântico*, a pendular entre o antiliberalismo, e, de um ponto de vista teórico lukacsiano, o *irracionalismo*. (CHASIN, 1978).¹⁵ O integralismo significava a reação político-ideológica dos proprietários rurais, que se sentiram atingidos pelo processo de industrialização do Brasil, sob aparente desfavorecimento da agricultura, dos cafeicultores falidos

14 Contudo, prefaciando a obra em questão, Florestan Fernandes ajuizou: o “discurso integralista” nasceu naturalmente vazio. [...] O raquítico *discurso integralista* expressa o alcance que ele poderia conquistar dentro do *discurso conservador* englobante, do qual, aqui, ele nunca passou de uma variante mais ou menos instrumental. [...] (Mas,) Para restabelecer a supremacia das forças sociais conservadoras dentro da consciência burguesa o ‘discurso integralista’ era diretamente útil e necessário. [...] Ele pretendia *fixar* a consciência burguesa numa idade ultrapassada mas, ao mesmo tempo, torná-la muito ativa. O que situa sua função ideológica e política na tentativa inconsciente, semiconsciente e por vezes (raramente) consciente de revitalizar o totalitarismo de classe, não só realçando o caráter *missionário* e ‘salvador’ das elites, mas, ainda repondo a intocabilidade de seus papéis de liderança, de comando, de decisão, como se fossem ‘papeis predestinados’ e *sacrossantos*. Purificadores da família e da *Pátria*, ‘proprietários natos’ do Estado, arautos da liberdade de espírito...” (FERNANDES; VASCONCELLOS, 1979, p. 11-12, 14).

15 A propósito da concepção doutrinária e prática do movimento integralista, conferir os capítulos “A Revolução Espiritualista”, “A concepção espiritualista da História” e “O Estado Integral” (CHASIN, 1978, p. 491-602). A propósito do conceito de “irracionalismo”, ver “Introdução. Sobre o irracionalismo como fenômeno internacional do período imperialista”; “Terceiro Capítulo. Nietzsche como fundador do irracionalismo no período imperialista”; “Epílogo. A fundação do irracionalismo no período entre duas revoluções” (1789-1848). (LUKÁCS, 2020, p. 9; 270; 663).

com o *crash* da Bolsa de Nova York, em 1929. Na contramão da política de industrialização de Vargas. Logo, um simulacro se comparado aos fascismos de Mussolini, Hitler, Franco.¹⁶ Todavia, sob o teto de uma forma de leitura do catolicismo de viés conservador e anticomunista.

Se o bordão integralista foi adaptado e reproduzido, durante o governo Bolsonaro, ocorreu despudoradamente, aditado do termo “liberdade”, na linha da pós-verdade. Como se fosse possível dar alguma porosidade ao conservadorismo caboclo original, fixado pelos termos Deus, Pátria, Família. Expressão que, não por acaso, a TFP (Tradição, Família, Propriedade), organização de extrema direita, incorporara há tempos à sua ideologia reacionária.

Segundo Ab’Sáber (2018), o Presidente Michel Temer encarnou o “fascismo comum”, ao encarnar a violência da cultura política, um dos aspectos da concepção fascista, operada como abre alas do último golpe político perpetrado no Brasil.¹⁷ O mesmo Autor detectara o ódio crescente no campo político em relação a Presidente Dilma Roussef (2015). À sua vez, Chiossi identifica, psicanaliticamente, a perversão reativa do Presidente Bolsonaro, manifesta pelo desejo de destruição e sua prática efetiva (CHIOSSI, 2021).¹⁸ Ao passo que Maquiavel classificaria Bolsonaro por celerado, aquele que não respeita nenhuma instituição política nem as ordenações civis, muito menos tratados nacionais ou internacionais, sob os escombros de cacos do integralismo, requentados, em consonância com a *familia global*. Esboçados em largos traços, nada mais confluyente que os nexos entre neofascismo e neoliberalismo para o controle social e a alienação das pessoas, projetada em escala planetária.

6 Desalinho

*“La rabia / se volvió filósofa / su baba há cubierto al planeta. /
La razón descendió a la tierra, / tomó la forma del patíbulo / - y la adoran millones.”*

(Octávio PAZ, “Nocturno de San Ildefonso, Vuelta, 1969-1975, 2014, p. 514).

No Brasil do tempo presente, os braços auxiliares da política governamental, as bancadas do boi, da bala e evangélica, funcionaram como tais nos governos Fernando Henrique Cardoso, Luíz Inácio Lula da Silva e Dilma Roussef. Momentos em que a centro-direita e a centro-esquerda se alternaram no poder. Com a derrocada daquela alternância PSDB-PT, as bancadas auxiliares, adentraram o vácuo político. Elas trouxeram à ordem política a irrupção neofascista, de baixo relevo, se comparada ao que fora o fascismo dos anos 1920 e 1930. Porém, conjugada às ampliações da violência e da mentira, sob muitos aspectos réplicas do modelo original. Assim, a vitória de Lula para a Presidência da República, de 02 de outubro de 2022, representa o acordar de um sono letárgico, aquele que produz monstros; o programa televisivo “Fantástico”, da TV Globo, levado ao ar no dia 23 de outubro próximo passado, informou que o Brasil conta com mil cento e dezesseis grupos de neonazistas. Mais da metade no Estado de São Paulo, e outra porção relevante em Santa Catarina. – Durma-se com um sufoco desses!

Encerrando. Pesa à consciência crítica brasileira a desatenção política dos partidos de esquerda e da intelectualidade nacional ao quadro contemporâneo de avanço do reacionarismo, do conservadorismo, do autoritarismo, confluídos à forma política neofascismo. De um ponto materialista histórico, tal desenvoltura expressa o freio travado da expropriação de mais-valia e do emperramento da luta de classes, agravantes da alienação dos trabalhadores. Sob a capa desconfortável do neoliberalismo. Numa palavra, exótica.

16 Aqui o deboche popular dera o índice pontual à retórica integralista, ao nomear os seus militantes de “galinhas verdes”. Ao proclamarem o seu grito de guerra: “Anauê”, em resposta ouviram: “Preparem as pernas para correr”.

17 A propósito, ver “Nada em Temer nunca surpreende” (CONTI, 2018).

18 Ver “Bolsonaro é o populista que mais se aproximou do fascismo na história”, entrevista de Federico Finchelstein cedida a Rosana Pinheiro-Machado, *The Intercept*, edição de 07 de julho de 2020.

Para Ernst Bloch, em *Herança desta época*, “o fim da Segunda Guerra Mundial não significaria o fim do fascismo”, reflexão que fora replicada por outros filósofos marxistas. Todavia, “*Oculto, imóvel, intocable, / el presente [...] está siempre*” (Octavio PAZ, “Nocturno de San Ildefonso, *Vuelta*, 1969-1975, p. 515). – À espera silenciosa da toupeira da História!

Acaso, o neofascismo se mostra tão somente qual um *espectro*? Ou por outra, o neofascismo se mostra ao campo da ação política como ideologia materializada?

Referências

AB’SÁBER, T. *Michel Temer e o fascismo comum*. São Paulo: Hedra, 2018.

AB’SÁBER, T. *Dilma Rousseff e o ódio político*. São Paulo: Hedra, 2015.

BERNARDO, J. *Labirintos do fascismo*. 6 vol. São Paulo: Hedra, 2022.

BERNARDO, J. *Nazismo e natureza*, palestra proferida na USP, 19 de abril de 2017. Cópia impressa. Lançado, originalmente, pelo site <http://www.afoiceeomartelo.com.br>.

BLOCH, E. *Herencia de esta época*. Trad. Miguel Salmerón Infante. Madrid: Tecnos, 2019.

BLOCH, E. *Heritage o four times*. Trad. Neville and Stephen Plaice, Berkeley, Los Angeles: California Press, 1984. Título original, *Erbschaft dieser Zeit*, 1935.

BRECHT, B. *Poemas 1913-1956*. Trad. Paulo César de Souza. 7 ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

CHASIN, J., *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo híper-tardio*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CHIOSSI, F. A alteridade na formação da consciência moral: uma reflexão freudiana sobre o fascismo e o bolsonarismo. *Boletim Formação em Psicanálise*, ano XXIX, v. 29, p. 95-117, 2021.

CONTI, M. S. Nada em Temer nunca surpreende. *Folha de São Paulo*, edição de 22.09.2018. (Crônica). Link <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mariosergioconti/2018/09/nada-em-temer-nunca-surpreende.shtml>, acessado dia 31 de janeiro de 2023.

DARDOT, P.; LAVAL, C., *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

FINCHELSTEIN, F. *Breve historia de la mentira fascista*. Trad. Alan Pauls. Buenos Aires: Taurus, 2021.

FINCHELSTEIN, F. Bolsonaro é o populista que mais se aproximou do fascismo na história. Entrevista cedida a Rosana Pinheiro-Machado. *The Intercept*, edição de 07 de julho de 2020. Link de acesso <https://theintercept.com/2020/07/07/bolsonaro-populista-fascismo-entrevista-federico-finchelstein/>, acessado dia 31 de janeiro de 2023.

FREUD, S. Psicologia de massas e análise do Eu. In: FREUD, S. *Cultura, Sociedade, Religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 137-232.

FROMM, E. *Obreros y empleados en visperas del Tercer Reich: un análisis psicológico-social*. Trad. Héctor A. Piccoli y Lucio Piccoli. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica; Universidad San Martín, 2012.

GOLDSTEIN, A. *La reconquista autoritaria: como la derecha global amenaza la democracia en América Latina*. Buenos Aires: Marea, 2022.

- GRASS, G. *O tambor de lata*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.
- GUERIN, D., *Fascismo y gran capital*. Trad. Daniel de la Iglesia. Caracas, Madrid: Fundamentos, 1973.
- LUKÁCS, G., *A destruição da razão*. Trad. Bernard Herman Hess; Rainer Patriota; Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.
- MACHADO, R. C., *Por dentro da Liga Mundial Anticomunista – gênese e gestão da WACL: filonazistas, contrarrevolução asiática e o protótipo latino-americano da Operação Condor (1943-1976)*. (Tese doutoral) História. PUC-SP, 2022. Link de acesso <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/26515>, acessado dia 13 de novembro de 2022.
- MARCUSE, H. *Tecnologia, guerra e fascismo*. Trad. Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: Unesp, 1999. (Coletânea de artigos de Herbert Marcuse, editado por Douglas Kellner).
- MARCUSE, H. *One-Dimensional Man: Studies in the ideology of Advanced Industrial Society*. Boston: Beacon, 1964.
- PASOLINI, P. P. *Poemas*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- PAZ, O. Vuelta (1969-1975). In: PAZ, O. *Obra Poética (1935-1998)*. 3 ed. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2014. p. 469-518.
- REICH, W. *Psicologia de massas e fascismo*. Trad. J. Silva Dias. Porto: Escorpião, 1974.
- SILONE, I. *Fontamara*. Roma: Mondadori, 1988.
- STANLEY, J. *Cómo funciona el fascismo*. Trad. Laura Ibáñez. Barcelona: Blakie Books, 2018.
- TRAVERSO, E. *As novas faces do fascismo: populismo e extrema direita*. Trad. Mônica Fernandes; Rafael Mello; Raphael Lana Seabra. Belo Horizonte: Âyiné, 2021.
- TROTSKY, L., *Como esmagar o fascismo*. Trad. Aldo Sauda; Mário Pedrosa. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.
- VALVERDE, A. *Guerra e cultura da paz*. 2022. *in print*.
- VASCONCELOS, G. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

Filmografia


- FONTAMARA. Direção: Carlo Lizzini, 1980.
- LACOMBE LUCIEN. Direção: Louis Malle, 1974.
- MEPHISTO. Direção: István Szabó, 1981.
- O TAMBOR. Direção: Volker Schlöndorff, 1979.
- SALÒ OU CENTO E VINTE DIAS DE SODOMA. Direção: Pier Paolo Pasolini, 1975.
- VINCERE. Direção: Marco Bellochio, 2009.



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2023
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2023v24i1:e60871>